

**CONTRIBUTO PARA A DEFINIÇÃO DE “SALOIA”
NO ÂMBITO DO PATRIMÓNIO LINGUÍSTICO:
FUNÇÃO DAS “SALOIAS” NA FESTIVIDADE
DO ESPÍRITO SANTO NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA**

Helena Rebelo

Universidade da Madeira (FAH-DLLC e CIERL)

CLLC da Universidade de Aveiro

Resumo

O culto português ao “Divino Espírito Santo” é, nas ilhas portuguesas atlânticas, uma realidade ancestral que assumiu contornos específicos, consoante as vivências das populações. Nos territórios madeirenses, da Páscoa ao Pentecostes, saem à rua as “visitas do Espírito Santo”. Indo de casa em casa das famílias que abrem a porta, vão as insígnias representativas da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade: o Espírito Santo. Em quase todos os locais, há umas meninas trajadas de modo particular e diverso, segundo os locais, que levam, obrigatoriamente, um cesto. O grupo pode incluir músicos que revestem, com frequência, o vestuário do quotidiano, opondo-se aos restantes elementos que trajam de um modo identificador. Deste conjunto, no presente caso, importa destacar as meninas designadas por todos os falantes como “saloiias”. Tem-se desenvolvido investigação relativa a esta manifestação patrimonial que, até ao momento, se considera especificamente

madeirense. A pesquisa, sobretudo do domínio do Património Linguístico, mas também do Património Cultural Imaterial, tem versado sobre a origem do termo “saloia” e a procura de uma explicação para o vocábulo, inesperadamente, estar relacionado com as visitas pascais do Espírito Santo. Neste trabalho, visando o aprofundamento da definição do conceito regional, pretende-se abordar a função das “saloias”. Colocam-se as seguintes questões: Que função desempenham as “saloias” nas “visitas do Espírito Santo” nas localidades do arquipélago, no século XXI? Serão apenas “cantoras”? Por que razão ter crianças com vozes, por vezes, extremamente agudas e pouco harmoniosas, a cantar, quando, como para os músicos, se poderiam conseguir adultos que cantassem? Terão elas assumido “desde sempre” a tarefa de cantar? Na fase de pesquisa, é possível concluir que a função primeira das “saloias” não seria, propriamente, a de cantoras. É o que se pretende demonstrar.

Palavras-chave: Arquipélago da Madeira. Festividade do “Divino Espírito Santo”. “saloias do Espírito Santo”. Património Linguístico. Património Cultural Imaterial.

Abstract

The Portuguese cult of the “Divino Espírito Santo” is, in the Portuguese Atlantic islands, an ancestral reality that assumed specific contours, depending on the experiences of the populations. In the Madeiran territories, from Easter to Pentecost, the “visits of the Holy Spirit” take place to the streets of the localities. Going from house to house of the families that open the door, there are the insignia representing the Third Person of the Trinity: the Holy Spirit. In almost all places, there are girls dressed in a diverse and specific way, according to the locals, but they obligatorily take a basket with her. The group may include musicians who often wear their everyday clothing, opposing the remaining elements that they wear in an identifiable way. From this set, in the present case, it is important to highlight the girls designated by all the speakers as “saloias”. In the present moment of the developed research, this patrimonial manifestation has been considered specifically Madeiran. The research, especially in the field of Linguistic Patrimony, but also of Intangible Cultural Heritage, has been about the origin of the term “saloia” and the search for an explanation for the word, unexpectedly to be related to

the Easter visits of the Holy Spirit in the archipelago. In this work, aiming to deepen the definition of the concept with regional, it is intended to address the role of “saloias”. The following questions deserved an answer: What role do “saloias” play in the “visits of the Holy Spirit” in the archipelago in the twenty-first century? Are they just “singers”? Why this tradition had children with sometimes extremely sharp and unmixed voices singing, when, as for musicians, the singers could be adults? Have they “always” assumed the task of singing? In the research phase in which this research is to define the concept of “saloia”, it is possible to conclude that the first function of the “saloias” would not properly be that of singers. This is what we want to show.

Keywords: rchipelago of Madeira. Festivity of the “Divine Holy Spirit”. “Saloias of the Holy Spirit”. Linguistic Patrimony. Intangible Cultural Heritage.

1. As saloias nas festividades do Espírito Santo no Arquipélago da Madeira

Nas ilhas do Porto Santo e da Madeira, as festividades dedicadas ao Espírito Santo são importantes para as comunidades locais (espaços de dimensão restrita em que todos os habitantes convivem), mas desconhecidas para residentes de outras localidades e, sobretudo, para turistas. No entanto, **são** um vestígio de uma manifestação de património linguístico, cultural e artístico arquipelágico de vertente religiosa católica que importa preservar porque – a sua singularidade – se pode extinguir. Pelos dados existentes, há séculos que perdura esta tradição que vai da Páscoa ao Pentecostes¹. Em princípio, nos domingos, localmente, depois da primeira missa dominical, “sai o Divino Espírito Santo” (as suas insígnias) da igreja paroquial e percorre as casas programadas, com as orientações do sacerdote. As variações são grandes segundo as paróquias ou, como dizem, os “sítios”. Basicamente, integram o cortejo homens e/ou mulheres: 1) o responsável pela festa

1 A título exemplificativo, consultem-se as seguintes três obras: 1) Aurélia Armas Fernandes e Manuel Fernandes, *Espírito Santo em Festa*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, L.^{da} (Imp.), 2006. 2) José Manuel Faria Abreu, “O Espírito Santo na Piedade Madeirense (Aspecto histórico-litúrgico)” in *História e Devoção ao Divino Espírito Santo na Madeira*, Conselho Permanente de Pastoral da Diocese do Funchal (org.), Centro de Estudos De História do Atlântico, Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Funchal, 2001, 43-59. 3) Oscar Andrade, *Devoção e Festas ao Espírito Santo na ilha da Madeira: Desde a Descoberta aos Nossos Dias*. 2 Cadernos Xarabanda, Funchal, Associação Musical e Cultural Xarabanda, 2016.

e pela angariação de fundos (“festeiro” ou mordomo – na Camacha é o/a “imperador/a”, havendo, depois, responsáveis locais), que transporta a coroa do Espírito Santo (ou a salva) para a recolha de donativos em dinheiro, 2) uma pessoa que segura o pendão e 3) outra que leva a bandeira. São ambos símbolos do Espírito Santo (com a pomba branca desenhada no meio de um triângulo, num tecido vermelho) que a população beija respeitosamente. Há paróquias onde sai uma cruz e, em algumas, pode haver, apenas, ou o pendão ou a bandeira. Além destes elementos, podem acompanhar: 4) meninas trajadas de um modo particular (“saloias”), 5) músicos que vestem roupa branca e vermelha ou normalmente e 6) uma criança (por norma, um rapaz) que leva uma caldeirinha de água benta. É possível que também tenha um sino (ou campainhas), fazendo-o soar na transição de uma casa para outra para alertar os vizinhos da movimentação. Por vezes, o sacerdote (7) junta-se ao grupo. Conta-se que, no passado (há cerca de 50 anos), em certas freguesias, a população ia aumentando o cortejo, acompanhando-o, tornando-se uma vivência de toda a comunidade. Hoje, são os familiares e amigos que vão às casas dos conhecidos. Contudo, esses grandes ajuntamentos continuam bem patentes no dia de Pentecostes, na distribuição do pão abençoado, e quando decorre o leilão público dos bens (essencialmente produtos agrícolas) dados para a Igreja.

Dos traços específicos destas festividades, importa destacar as “saloias” porque são um elemento regional que se crê único e caracterizador, tornando as festas ao Espírito Santo particulares, se comparadas às dos restantes pontos do mundo onde, ainda hoje, se realizam. As “saloias” dão um colorido próprio ao evento e verificou-se que, embora existam nos onze concelhos do arquipélago, há paróquias em que não acompanham o cortejo. Pode vir a extinguir-se a tradição e isso seria uma perda significativa para o Património Cultural Imaterial Regional, mas também para o Nacional, já que sempre que se perde uma tradição positiva e rica de significado (o que nem todas serão, como acontece para os críticos, a matança do porco e as touradas), desaparece um modo de conceber uma determinada realidade. São raríssimas as representações pictóricas² ou escultóricas, assim como as referências documentais ou literárias às saloias, mas que elas existem desde há séculos é uma evidência. Hoje, subsistem com trajes e acessórios diversos. Defende-se que o de vestimenta branca com alguns acessórios vermelhos é o

2 Cf., por exemplo, a pintura de 2002 intitulada *Os músicos* da autoria de Eduardo Freitas, em que os rostos das saloias não transmitem alegria.

típico e considera-se que o semelhante ao do folclore madeirense corresponde ao da roupa que as “saloias” vestiam durante as visitas semanais³. Na sua condição de “camponesas” (as “viloas” – com as roupas do quotidiano), as “saloias” (sempre ligadas ao Espírito Santo) foram ganhando uma dimensão de folclore que não teriam no princípio. Elas participam da eucaristia e são enviadas com as insígnias a visitar as populações em suas casas. Inicialmente, possuíam um papel exclusivamente religioso e festivo. Defende-se que consistia na distribuição do pão e que este bem é bíblicamente simbólico, inclusive nos episódios do “maná” e da “multiplicação”. Recorde-se que a Última Ceia é uma marca da partilha do pão que o Cristianismo mantém viva na eucaristia para formar a comunidade em que todos partilham da mesma mesa e todos são importantes, não havendo indigentes. Aliás, na origem, as festividades do Espírito Santo pressupõem “coroar” as crianças e cuidar dos pobres. A relação do pão com as festividades do Espírito Santo mereceria uma reflexão aprofundada. Compreender o simbolismo do “pão” ultrapassa a temática do conceito de “saloia”. Observar a manifestação cultural religiosa que homenageia o Espírito Santo através das “saloias” levanta um questionamento para o qual parecem não existir muitas respostas.

2. A definição existente do termo “saloia”

Quem são as “saloias”? Por que razão se designam assim? Que função desempenham as “saloias” nas “visitas do Espírito Santo” no Porto Santo e na Madeira, no século XXI? Que relação existe entre o termo “saloia” e o “Espírito Santo”? Serão essas meninas apenas “cantoras”⁴? Por que motivo ter crianças com vozes, por vezes, extremamente agudas e pouco harmoniosas, a cantar, quando, como para os músicos, se poderiam conseguir adultos competentes que cantassem ou, então, como nos Açores⁵ com os “foliões”, os músicos serem os próprios cantores? Terão elas assumido “desde sempre” essa tarefa de cantar? Na fase de pesquisa em que esta investigação se encontra para, no âmbito do Património Linguístico, definir o conceito de “saloia”,

3 França, Luísa “As Festividades do Espírito Santo”, in *Origens*, n.º 6, Santa Cruz, Casa da Cultura de Santa Cruz, 2002, 86-87.

4 Manuela Marques, “Festa do Espírito Santo na Paróquia do Loreto, Arco da Calheta” in *Isleña*, n.º 50, Funchal, DRAC, 2012, 83-100.

5 Como há muita bibliografia referente às festividades do Espírito Santo nos Açores, consultar, por exemplo, João Leal, *As Festas do Espírito Santo nos Açores: Um Estudo de Antropologia Social*, Lisboa, D. Quixote, 1994; Maria de Jesus Maciel, *A Casa do Espírito Santo*, Ponta Delgada (Açores), s/d.

embora se diga, a nível popular, que “quem canta reza duas vezes”, é possível concluir que a função primeira das “saloias” não seria a de cantar.

O termo “saloia”, quando associado à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, como em “saloias do Espírito Santo” reveste-se de uma significação que não possui nos dicionários de Língua Portuguesa, enquanto feminino de “saloio”. Torna-se um vocábulo com especificidade semântica regional do arquipélago, podendo ficar com este qualificativo, “saloias madeirenses”. A definição de cariz religioso não existe nos dicionários de língua portuguesa como o Houaiss (2001)⁶, embora haja, neles, a entrada “saloio”. Todavia, ocorre no feminino, em alguns vocabulários madeirenses⁷. É o caso do de Abel Marques Caldeira (2002)⁸, ao atestar apenas “Salôia” (e não a entrada “saloio”) com a definição: «Criança que, envergando o traje regional, acompanha as insígnias do Espírito Santo nos peditórios para a respectiva festa, cantando hinos, acompanhados duma orquestra. - E' vou acompanhar o Divino Espírito Santo, de saloia.». Julga-se que, mais do que “acompanhar” as insígnias, as saloias são uma manifestação da presença do Espírito Santo porque crianças (os evangélicos simples e puros de coração), mas também porque mulheres (simbolizam a fecundidade e a abundância da Natureza, inclusive do papel feminino de Deus). Anunciadoras da Sua presença, invocam-n'Ó, tornando-O presente nelas próprias e no ambiente em que estão.

Procurar a origem do termo “saloia”, um vestígio de Património Linguístico, implica a consulta, em dicionários de língua portuguesa, da entrada no masculino “saloio”. A recolha aponta para o seguinte: a) O vocábulo vem do árabe. b) Significa, etimologicamente, “habitante do deserto”, adquirindo, depois, a significação de “habitante do campo”. c) Passou a designar a população descendente de mouros nos arredores de Lisboa. É, por isso, um etnónimo. d) A zona saloia, em Portugal Continental, irá, sensivelmente, do Norte de Lisboa a Leira, estando incluída a localidade de Tomar (a sede da Ordem de Cristo, ligada à Diocese do Funchal). e) Os saloios eram conhecidos porque iam vender bens agrícolas e, também, pão à cidade de Lisboa.

6 Antônio Houaiss; Mauro de Salles Villar, *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Rio de Janeiro, Objectiva, 2001.

7 Inclui-se o incontornável *Elucidário*: Padre Fernando Augusto da Silva, Carlos Azevedo de Meneses, *Elucidário Madeirense*, Funchal, 1978, DRAC, 1984, Secretaria Regional da Educação e Cultura e Direcção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), Funchal, 1998.

8 Abel Marques Caldeira, *Falares da Ilha. Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*, com coordenação de José Abel Caldeira, 1.ª edição de 1961, Funchal, Eco do Funchal, 1993.

Aliás, na época medieval, eram sujeitos a um imposto que tinha a designação de “saloio”. f) Na zona saloia, há muitos moinhos e, portanto, o pão é característico daqui. Ainda hoje se fala do “pão saloio”. g) As saloias seriam, essencialmente, padeiras, enquanto produtoras e/ ou distribuidoras de pão. A pesquisa (do elemento linguístico “saloia”, pouco estudado, embora associado à festividade do Espírito Santo, amplamente investigada) tem indicado que “as saloias do Espírito Santo” correspondem às padeiras saloias continentais. Nas festas do Espírito Santo, tanto em Tomar (em tabuleiros levados à cabeça), como na Madeira e no Porto Santo (em cestos transportados nas mãos) não se vende o pão, mas dá-se aos mais necessitados. No passado, seria quando iam de casa em casa com as insígnias do Espírito Santo⁹.

3. As “saloias” e a sua função

Habitualmente, logo pela manhã dominical, são, artisticamente, entrançados os cabelos compridos das meninas, cujo penteado culmina com uma carapuça ornamentada por peças preciosas de joalheria, sobretudo ouro. A decoração da carapuça que cobrirá a cabeça da saloia com arte transformará cada uma em obras de arte únicas, não havendo duas carapuças iguais, assim como os penteados também se diferenciam. Por regra, no topo da carapuça, está uma pena ou mais. Fazem recordar a pomba, o símbolo do Espírito Santo. A capa vermelha que revestem é também ela ornamentada com fios e cordões de ouro, além de poder ter muitas outras peças, incluindo flores (perpetua) e partes, bem verdes, de alegra-campo, que se podem reencontrar no vestido branco. O cesto que cada “saloia do Espírito Santo” transporta, normalmente com pétalas, é magnificamente ornamentado com flores e folhas variadas. Todas estas decorações artísticas são dominicalmente refeitas, mantendo o traje enfeitado com elementos frescos e viçosos. O modo de enfeitar/ ornamentar os cestos, a vestimenta, a cabeleira, etc. vai mudando ao sabor do/ da artista que cuida das “saloias” e, por isso, é possível considerar essas representações como figuras de uma “arte sacra efémera”¹⁰.

9 Esta é uma dedução da informação que foi sendo recolhida. Como que a confirmá-lo, na Tabua, em 2018, a “festeira” (e não as saloias porque perderam essa função) sai da missa dominical com um cesto de pães enfeitados com uma pomba, todos contados, para os distribuir pelos idosos e doentes, cujas casas visita durante a tarde.

10 Defende-se que a “arte sacra” ultrapassa a construção de igrejas, os objectos de culto ou as representações em pinturas/ esculturas, podendo assumir os contornos do Património Cultural Imaterial. É o caso destas “saloias”. Inexistentes ao longo do ano, mas presentes no período pascal, até à vinda do Espírito Santo, o dia de Pentecostes, há todo um ritual, frequentemente perpetuado por “especialistas”, designados pela comuni-

As “saloiias”, as mais genuínas, são o que se pode considerar uma manifestação de “arte sacra efêmera”: não fazem teatro, mesmo se representam um papel; não são estátuas vivas, apesar de receberem uma recompensa pelo seu desempenho; não são bailarinas, embora possam dançar e defende-se que não são cantoras, se bem que cantem. Posto isto, que função (ou funções) têm? As crianças que aceitam “ser saloiias” ou “ir de saloiias” representam, simbolicamente, uma dimensão divina do próprio Espírito Santo. Das diversas situações observadas *in loco*, identificam-se diversas possibilidades.

I) Não cumprem qualquer função: Estão presentes porque são uma tradição. Isso verificou-se, por exemplo, na paróquia da Assomada, em 2017. Sendo filha dos “festeiros”, a “saloiia” era demasiado pequena para cantar sozinha (todos os elementos do cortejo cantavam) ou para segurar, ao longo do percurso das visitas às casas, o seu cesto, levado pelo pai, como se teve a oportunidade de comprovar.

II) Cumprem uma função ou várias em simultâneo.

A) Animar (alegrar, cantar e dançar): As saloiias dão vitalidade às visitas pascais, animando-as. Em muitos lugares, entoam desde canções populares a cânticos, tendo sido ensaiadas para o efeito. É, por isso, que são reiteradamente qualificadas de “cantoras” (Marques, 2012). Sê-lo-ão realmente? Não se crê que o sejam. Na Calheta, em 2018, verificou-se que levavam um caderno com as letras que vão aprendendo e repetindo. No entanto, muitas delas não são cantoras, já que “cantor” não é quem canta, mas quem “sabe” cantar. Todos, ou quase, cantarolamos, mas isso não nos faz “cantores”, nem amadores, nem profissionais¹¹. Todavia, é inquestionável que, no século XXI, as saloiias cantam. Aliás, aconteceu verificar que o faziam unicamente se houvesse um donativo financeiro. Na Costa Sul, como na Ponta do Sol e na Tabua, observou-se que elas cantam ao despique e dançam. Não há dúvidas que uma visita pascal com “saloiias” é mais animada e alegre do que quando elas não estão, como em visitas da Camacha ou do Jardim da Serra. Aí, reza-se e invoca-se o Espírito Santo, mas é diferente. Quando as “saloiias” cantam; rezam e invocam a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade é como se Ela Se tornasse presente, nestas meninas (pequenas pombas¹²).

dade paroquial ou pelo próprio sacerdote, que cumprem essa tarefa, sendo “preparadores” (“ensaiadores”) que vão mantendo a tradição ou alterando-a, segundo as circunstâncias.

11 Acontece o mesmo com o “escritor”: não é aquele que escreve (todos os escolarizados, em princípio, escrevem, mas nem todos conseguem devidamente escrever), sendo-o, apenas, aquele que domina a língua, sabendo, perfeitamente, escrever e com obra publicada.

12 Seria interessante procurar os sentidos linguísticos, sobretudo os populares, associados a “pomba”. Esse

B) Embelezar: O colorido que trazem ao cortejo com os seus trajes e a sua juventude embelezam o evento. Os adornos em ouro, a carapuça enfeitada, o penteado magnífico, as pétalas lançadas, etc. são elementos que tornam todo o quadro da visita memorável, conferindo-lhe algo de esplêndido. São uma manifestação da beleza divina. Quando se pergunta pelas visitas pascais, com frequência, o que sobressai é a lindeza destas crianças com expressões como “Iam tão lindas!” ou “Estavam tão bonitas!”.

C) Fazer a colecta: As saloias têm uma dimensão de sagrado porque participam na missa e uma das incumbências que têm é a de fazer o peditório. Curiosamente, não integram o coro (mais uma das razões que leva a não as considerar como “cantoras”). Este facto foi observado, por exemplo, no dia de Pentecostes de 2017, em Câmara de Lobos, e no dia dessa festividade no Porto Moniz, em 2018. Aliás, na missa campal no centro de Câmara de Lobos, havia um coro juvenil convidado para cantar toda a celebração e as saloias não se juntaram a ele.

D) Participar no ofertório e nas procissões: Nas missas, inclusive na de Pentecostes, observou-se que as saloias entravam no cortejo inicial com o celebrante e os responsáveis pelas insígnias. Além disso, colaboravam no ofertório. A sua participação na celebração eucarística foi, assim, a vários níveis, mas em nenhuma das observadas tiveram a função de cantar. Em 2018, no domingo de Páscoa, em Santana, as “saloias” seguem com as insígnias do Espírito Santo na procissão que junta as confrarias e diversas imagens, pisando os tapetes de flores e carpetes de pano ao longo das ruas do centro citadino. Em anos sucessivos, na procissão do Corpo de Deus, no Funchal, têm-se visto algumas “saloias”. Nunca são muitas, embora chamem a atenção de forasteiros e turistas, que as vão fotografando. Incluir todas as da Diocese poderia ser um momento singular de turismo regional católico.

E) Marcar a Feminilidade (Deus: Pai e Mãe) e a Natureza: Há muito que é discutido o papel da mulher na Igreja. Já se ultrapassou exclusivamente a figura paterna de Deus, vendo-O como Pai e Mãe. Neste caso, embora sejam crianças, são as de género feminino que têm relevância. Provavelmente, representam a sua promessa de fecundidade: a fertilidade em potência, que se reencontra na terra, isto é, na Natureza. Não é por acaso que se liga a

exercício revelaria algumas curiosidades que não são tratadas aqui. A Santíssima Trindade está representada, figurativamente, na pintura ou por outro processo, sendo o Espírito Santo uma pomba, por norma branca, que se reencontra, nomeadamente, nas coroas “do Imperador” como insígnia do Espírito Santo ou nas penas das carapuças de algumas saloias como se elas correspondessem ao símbolo sagrado.

Natureza à mãe numa expressão como “a mãe Natureza”. Como ficou expresso, em algumas paróquias, elas usam perpetua e alegre-campo, levando pétalas diversas nos cestos enfeitados de elementos da Natureza: flores e folhas. Além disso, vão lançando pétalas no momento da consagração do pão e do vinho, assim como pelas casas que vão visitando. Esses elementos da Natureza são recolhidos e lançados à terra para a fertilizar, como foi explicado na Ponta Delgada e em Câmara de Lobos. Pensa-se que o simbolismo das “saloias” é bem mais amplo do que aquele que se lhe atribui comumente num olhar rápido. Quando intensificado, sobressaem sentidos múltiplos que justificam a sua presença.

F) Ser símbolo divino: Julga-se, do que se tem investigado, que as “saloias” são um símbolo religioso, isto é, do Divino, do Sagrado, e que representam o próprio Espírito Santo (a pomba transforma-se em criança, em menina, podendo também haver rapazes saloios).

4. Contributo para o alargamento do conceito de “saloia”

Tendo em consideração o que foi dito, as “saloias do Espírito Santo”, que, na Região Autónoma da Madeira, acompanham as insígnias do Espírito Santo (bandeira, pendão, coroa ou salva de prata, com uma cruz ou um crucifixo) de casa em casa, normalmente, todos os domingos, da Páscoa ao Pentecostes, seriam jovens que transportavam pão, dando-o aos mais carenciados. Hoje, o cesto que levam é para recolher guloseimas e o pão é distribuído à população pelos “festeiros” (ou terceiros como familiares), estando, com frequência, exposto no adro da Igreja, no dia de Pentecostes, quando se celebra a Vinda do Espírito Santo. Interessa conservar a vertente religiosa da tradição e não apenas a vertente etnográfica da tradição que perderia o valor religioso que tem.

É certo que esta figura representativa não surge em todas as localidades, já que, em algumas, não há visitas do Espírito Santo e, noutras povoações (“sítios” ou “lugares”), se fazem sem elas, mas a maioria das paróquias mantém-nas. Várias alterações vão sofrendo os trajes e os acessórios, como os cestos ou as carapuças (cf. Convenção de 2003 da UNESCO e a ideia da “reinvenção” da tradição¹³). Existem novas ocorrências do fenómeno em que a “saloia do Espírito Santo” é, erradamente, confundida com a “viloa”,

13 UNESCO, *Convenção para a salvaguarda do património cultural imaterial*, ONU, Paris, 17-10-2003.

presente no folclore regional (França, 2002). Se esta tradição religiosa não for preservada, perder-se-á o seu lado sagrado para manter uma vertente profana e etnográfica. Certas saloias já não levam ouro e muitas, também, já nem penteiam o cabelo (culturalmente, quando solto tem vários significados pouco valorativos para a mulher) ou enfeitam a capa. A tradição da festividade religiosa vai perdendo o seu cunho divino, adaptando-se aos tempos modernos, nada propensos ao culto. Pensa-se que ajudaria conservar este bem (imaterial) patrimonial católico, nomeadamente o traje genuíno, mesmo dando conta das variantes hoje existentes. As paróquias tendem a fazer isso, mas não há, a nível regional, nenhuma entidade, nem da própria Diocese, que congregue esse património, nem revelando interesse por ele. Por isso, apenas se pode contribuir para o alargamento da definição do conceito madeirense de “salioia” com a seguinte proposta que parte da proposta de Caldeira (1993):

Criança, sobretudo menina, mas também menino, que, envergando um traje específico, acompanha, desde o domingo de Páscoa, as insígnias do Espírito Santo nos peditórios para a festa do Pentecostes, entoando cânticos, mas também canções populares, ao som de alguns instrumentos. Pode não ter qualquer função particular, sendo apenas sinal de uma tradição, mas, normalmente, tem uma função ou várias em simultâneo: animar a festa (alegar, cantar e/ ou dançar), embelezar o cortejo e a festividade, participar na eucaristia para o peditório ou o ofertório, entrar em procissões, marcar a feminilidade divina e a Natureza, sendo um símbolo divino porque representa, invocando-O, o Espírito Santo, tornando-Se presença viva para formar a comunidade cristã.

Esta é uma proposta definição que não se encontra fechada. Enquanto durar a investigação pode vir a ser adaptada. Contudo, fica evidenciado que as “salioias” são mais do que “cantoras”.